

Cultura popular no Brasil: um viés de cultura a partir da materialidade cultural afrodescendente

Edivania Donato Benedito Cendron¹
UNIOESTE

Claudiana Soerensen²
UNIOESTE

Neste trabalho, temos por objetivo ensaiar alguns aspectos relacionados à cultura popular no Brasil, ao apontar algumas definições acerca dos conceitos de cultura popular, tendo em vista as manifestações artístico-culturais em que ela se materializa, suas características, funcionalidades e materialidades. Quanto ao nosso objeto de investigação, devido à vasta materialidade cultural que está inserida na realidade brasileira e sobre a qual nos seria possível um debruçamento, nós o recortamos, elegendo, assim, as festividades e as artes da afrodescendência imiscuídas à religiosidade de corrente europeia ou, mais especificamente, à Igreja Católica. Acreditamos na relevância desse recorte, pois justamente por meio dele se delimitam alguns conceitos concatenados com parte das reflexões tecidas no decorrer do programa de pós-graduação em “Ensino da Cultura, Artes e História Afro-Brasileira e indígena na Educação Básica”. O arsenal teórico que subsidiou nosso estudo pautou-se, principalmente, nas contribuições de Arantes (1990), de Ayala e Ayala (1987), no que diz respeito ao conceito de cultura popular e, quanto à questão cultural da afrodescendência, recorreremos aos estudos de Benjamin (2004), dentre outros, os quais trazem tal temática para dentro de seu raio de reflexão.

Palavras-chave: Cultura popular. Manifestações artístico-culturais. Afrodescendência.

1- Cultura Popular: algumas considerações

Pesquisadores das ciências humanas, sobretudo os da Antropologia Social, têm se debatido no sentido de conceituar *cultura popular*. Uma das definições é de que a expressão cultura popular tem muitos “[...] significados e bastante heterogêneos e variáveis são os eventos que essa expressão recobre” (ARANTES, 1990, p. 7).

Além disso, uma incursão mais específica às conceituações que estão prenhes de cultura popular nos exigiria um esclarecimento, ainda que mínimo,

¹ Aluna do programa de pós-graduação em nível *lato sensu* em Ensino da Cultura, Artes e História Afro-Brasileira e Indígena na Educação Básica.

² Professora do programa de pós-graduação em nível *lato sensu* em Ensino da Cultura, Artes e História Afro-Brasileira e Indígena na Educação Básica.

sobre o conceito da palavra *cultura*. Sendo assim, conforme o Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Hollanda, registra-se que a palavra “cultura”, em seu uso corrente, significa “saber, estudo, elegância, esmero”.

Muito além disso, no entanto, o conceito de cultura demanda e demandou muitos outros significados. O vocábulo em si sofreu alterações semânticas, perdas e acréscimo de sentidos, ou seja, do ponto de vista diacrônico da linguagem, percebemos que teve várias ressignificações. Mesmo considerando a importância dessas mudanças, não nos ateremos em grande escala a essas conceituações de cunho mais linguístico, por imaginarmos que foge dos objetivos do nosso trabalho. Mesmo assim, esboçamos, grosso modo, quais foram os significados atribuídos ao termo cultura.

Como afirma Kuper,

[...] existe um consenso geral sobre o significado do termo cultura [...]. Cultura é essencialmente uma questão de idéias e valores, uma atitude mental coletiva. As idéias, os valores, a cosmologia, a estética e os princípios morais são expressos por intermédio de símbolos e, portanto, - se o meio é a mensagem - cultura poderia ser descrita como um sistema simbólico. (KUPER, 2002, p. 288).

Assim, corroboramos esse conceito trazido por Kuper para o sentido do termo, em acepções às quais nos afiliamos, por cultura ter sido considerada algo abstrato – não que não seja materializável – e por trazer junto a si valores, princípios, materialidades, dentre outros.

Analisemos, então, como se comporta o termo cultura nas expressões a seguir: cultura brasileira – cultura árabe. Embora o vocábulo empregado em ambas as expressões seja exatamente o mesmo, a cada uma delas nos serão remetidas idéias distintas. Com “cultura brasileira” podemos aludir às festividades nordestinas, às festividades carnavalescas de várias partes do país, aos esportes nacionais, entre outros. Diferentemente, se fizermos esse mesmo movimento em direção à “cultura árabe” não nos remeteríamos mais às idéias presentes no contexto brasileiro. Percebemos que, ao mudar o contexto histórico, a cultura e suas manifestações se modificam e outros parâmetros devem ser considerados.

Depois de feita essa pequena sondagem sobre o termo cultura de uma forma mais generalizada, ao adentrarmos nos aspectos relacionados à cultura popular, logo nos depararemos com conceituações mais específicas, porém, ao mesmo tempo, mais amplas, à medida que essa se materializa a partir de manifestações artístico-culturais que são construído do povo, de sua cultura e de suas heranças culturais.

Essas manifestações fazem parte do cotidiano e estão presentificadas socialmente em qualquer lugar que seja. Além disso, fazem parte da memória,

da história e da identidade de quaisquer indivíduos. Os conceitos acionados por meio de memória, história e identidade são relevantes na medida em que são constitutivos de um povo – porém não os estudaremos aqui.

Em relação à cultura popular, essa, inúmeras vezes, é considerada como inferior, bem como adquire sentidos pejorativos. A seu respeito, é consensual afirmar que é resultado daquilo que é produzido pelo povo.

No contexto brasileiro, a materialidade cultural popular é imensa, isso graças aos processos de hibridização e de mestiçagem de nosso povo. Em um primeiro momento, remetamo-nos à figura do índio. Depois, a do português colonizador. Logo após isso, os processos de colonização iniciaram-se no Brasil incluindo a também escravidão, em que temos a presença do negro africano. Mais tarde, temos os processos de imigração, em que vieram para o Brasil, para trabalhar nas lavouras de café, habitantes de vários lugares da Europa e da Ásia. Com esses acontecimentos todos considerados, podemos categorizar transparentemente a heterogeneidade de etnias presentes no Brasil e, por uma consequência, a inúmera quantidade de material cultural popular presente em nosso país.

Além disso, atravessam-se também, por meio das práticas da cultura popular, entranhas de cunho político, social e econômico. Algumas relações de poder são estabelecidas nesses processos e, como afirma Ayala e Ayala:

Um ângulo privilegiado para situar as práticas culturais populares como parte da dinâmica cultural da sociedade como um todo pode ser a observação das diversas tentativas de controlar, adaptar e integrar essas práticas a um sistema cultural que se pretende homogêneo, bem como as várias formas de resistência e oposição àquelas tentativas. Dessa perspectiva, torna-se evidente que a produção tem necessariamente um caráter político, é atravessada pelas relações de poder intrínsecas à sociedade dividida em classes. (AYALA e AYALA, 1987, p. 60).

São inúmeros os conceitos suscitados ao referendar-se à etiqueta cultural popular. Ainda conforme Ayala e Ayala,

[...] suas características são a heterogeneidade, a ambigüidade, a contradição, não só nos aspectos formais, em que a diversidade salta à vista, mas também em termos dos valores e interesses que veicula, ou seja, no nível político-ideológico. Consequentemente, não se pode incluir na cultura popular apenas as manifestações ou componentes dessas manifestações que contestam a estrutura social vigente, contrária aos interesses dos oprimidos. Essa análise não é descartada, mas deixa de fornecer os únicos critérios válidos para a delimitação da cultura popular (AYALA e AYALA, 1987, p. 60).

Julgamos que as considerações acima feitas sejam relevantes no sentido de clarificar alguns questionamentos a respeito do termo “cultura popular”, termo que nos propomos a analisar no primeiro momento de nosso estudo.

2- Festividades da Afrodescendência: como chegaram ao Brasil?

Fazendo remissão a uma premissa que já fora discutida no presente artigo, porém de forma mais rasante, no que diz respeito ao processo de colonização do Brasil, esse só foi possível com a migração forçada dos africanos. Devido ao fato de Portugal ter uma população reduzida em termos quantitativos, seria insuficiente que tal país conseguisse trabalhar sobre a imensa matéria-prima aqui presente, dado seu vasto território. Sendo assim, para o Brasil foram trazidos milhares de homens e de mulheres africanos, para que essa gente trabalhasse pesadamente nos processos de produção daqui. Como resultado dessa mobilização, os africanos trouxeram para cá os seus costumes e a sua cultura.

Para corroborar essa hipótese, Benjamim afirma:

Apesar da injusta situação da escravidão, do despojamento dos indivíduos escravizados, da política de separação de famílias e dos grupos étnicos, os africanos e os afrodescendentes deram uma contribuição fundamental para a cultura brasileira. A visão de mundo, a religiosidade, a música, a dança, a vestimenta, a culinária dos escravos resistiram aos séculos de opressão durante o período da Colônia e do Império. A forma de ser brasileiro foi totalmente impregnada pelas contribuições africanas. E em relação às festas não podia ser diferente. (BENJAMINI apud SILVA, 2008, p. 241).

A inserção das festividades africanas no Brasil é resultado de determinadas políticas de catequese da Igreja Católica. Essa instituição, em vista do *status* de poder que assumia na ocasião junto com o poder civil, proliferou um ciclo de festividades que se espalhou por todo o país. Nessas ocasiões era permitida aos escravos uma espécie de descanso das atividades laborativas, recessos de calendário em que eles eram inseridos nessas modalidades festivas.

Essa hibridização provocou, como consequência, uma mescla dos costumes dos escravos com os aspectos católicos. Ocorre, porém, que esse processo foi recíproco, pois, da mesma forma que os aspectos da cultura europeia se foram imbricando à cultura dos outros dos indígenas e dos africanos, os aspectos culturais dessas muitas etnias se foram imbricando também, fazendo com que, no Brasil, houvesse essa pluralização de cultura, fenômeno que até hoje vivenciamos intensamente.

3- Mas, Afinal, que Festividades São Essas?

A mistura entre culturas africanas e católicas – logo, pensemos em países de cultura europeia – eclodiu em um sincretismo entre aspectos religiosos e culturais das duas procedências.

Podemos nos referir, por exemplo, a Maria, mãe de Jesus, que, no calendário católico, é reverenciada segundo uma diversidade de atributos e de denominações. Terminologicamente, podemos nos referir a ela como lemanjá e Oxum, pois ambos os nomes de deuses africanos se aplicam à mesma entidade – a mãe de Jesus, ou seja, a Virgem Maria católica.

Conforme Silva, temos a seguinte colocação:

Segundo Reginaldo Gil Braga, a Festa dos Navegantes é a maior festa popular do Rio Grande do Sul. No dia 2 de fevereiro, praticantes das religiões afro-brasileiras compareceram em massa para homenagear a rainha dos mares e o orixá mais no batuque. A festa também é compartilhada com os católicos que, apesar de serem em menor número, procuram apagar os sinais de participação dos batuqueiros junto ao largo da igreja. O aspecto sincrético da “santa lemanjá” para os participantes das religiões afro-brasileiras – Nossa Senhora dos Navegantes para os católicos – permite comportamentos e interpretações paralelas sobre uma mesma festa. Basta observar os vários espaços demarcados pelas duas concepções religiosas, a afro-brasileira e a católica. Consomem-se grandes quantidades de melancia, e churrasco e cerveja são vendidos em barracas armadas em volta da igreja. Para os participantes do batuque e demais religiões afro-brasileiras é quase uma norma ir à festa no largo da Igreja dos Navegantes. À noite, principalmente os “filhos” de lemanjá vão às praias do rio Guaíba ou ao litoral marítimo levar as suas “oferendas secas”, frascos de perfume, pentes, bolos, melancias e “tirar” as suas cantigas à divindade das águas. (SILVA, 2008, p. 242).

Como é de se esperar, situações como essa se repetem em outras regiões de nosso país. Conforme Benjamim, na Bahia, no mesmo dia, “lemanjá do Rio Vermelho” é homenageada por seus seguidores. Já no estado do Recife, em uma festa que ocorre no dia 8 de dezembro, há uma mistura das duas culturas. Em um lado, católicos comemoram e, no outro, devotos vão à praia fazer suas oferendas à lemanjá. No Rio de Janeiro, há uma festividade similar a essa, porém feita apenas por afro-brasileiros, em que os mesmos fazem suas oferendas à lemanjá. No estado de São Paulo, a cidade de Praia Grande recebe aproximadamente 600 mil devotos, para realizarem suas festividades religiosas.

Há, também, espalhados por todo o Brasil, lugares em que há muitos adeptos às religiões afrodescendentes, sendo que alguns, inclusive, nem são consanguíneos afrodescendentes.

No estado de São Luís, Maranhão, há festas em que a organização fica sob a responsabilidade das casas do culto afro-brasileiras. É o caso, por exemplo, da festa em homenagem ao Divino Espírito Santo, em que, inclusive, são as mulheres, as chamadas “caixeiras-do-Divino”, que se responsabilizam pela música, havendo uso de instrumentos de percussão, entre outros rituais.

Existe, no entanto, também, no Brasil, a realização de festividades afro-brasileiras que são desvinculadas de qualquer outra que tenha um caráter religioso. São as chamadas de não religiosas ou profanas. Esses festivais são chamados de lundu, uma dança de caráter sensual, como o carimbó e o cacuriá.

Para finalizar esse elenco de festividades, temos a capoeira – que é uma mescla de esporte, de dança e de luta, sendo esse “esporte” representativo do país, à medida que traz características fortemente marcadas pela identidade africana.

4- Considerações Finais

Tivemos por objetivo, no presente trabalho, abarcar alguns conceitos que estão prenes na expressão “cultura popular” e, posteriormente, mapear algumas festividades de origem africana se manifestam no Brasil, a partir de um arsenal teórico que acena para as questões relacionadas à materialidade cultural afrodescendente. Tentamos apontar, embora talvez de uma forma mais apelativa, que os eventos afrodescendentes e suas peculiaridades fazem parte da cultura popular brasileira e que, por meio dessa, representa a identidade de um povo que, no percurso de desenvolvimento do Brasil, sofreu cruelmente devido ao fato de ocupar uma posição social que não lhe oferecesse uma atitude mais autoritária e autônoma em relação a si mesmo – reportamo-nos à escravidão nesse momento.

Além disso, tentamos aliar nosso trabalho a uma questão trabalhada a partir de um viés antropológico – a hibridização étnica. De posse desses objetivos, demonstramos como as festividades da afrodescendência, juntamente com os rituais característicos da Igreja Católica, se misturam e formam parte da materialidade cultural presente em nosso país.

Embora se reconheça que o presente trabalho demonstre algumas irregularidades e que, talvez, seja insuficiente para abarcar a proposta pretendida em sua relevância, julga-se que o mesmo deva servir de incentivo ou que seja, ainda que minimamente, prolegômenos para que se realize futuramente um estudo mais aprofundado e rigoroso acerca das temáticas por ele ensaiadas.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

BENJAMIN, Roberto. Festas da afrodescendência. In -----, SILVA, René Marc da Costa Silva (Org.). **Cultura popular e educação** – salto para o futuro. Brasília: Unesco, 2008.

KUPER, Adam. **Cultura**: a visão dos antropólogos. Trad. Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru: EDUSC, 2002.

SILVA, René Marc da Costa Silva (Org.). **Cultura popular e educação**: salto para o futuro. Brasília: Unesco, 2008.